



Os cedros do Libano

Era nos cimos do monte Libano que outr'ora existiam florestas de cedros magestosos, tão celebres na escriptura, tão admiraveis pela sua gigantesca elevação, e cujos frondosos ramos offereciam ao viandante um abrigo seguro contra os ardores do sol.

Dizem que só ali cresciam estas arvores, unicas da sua especie, e, sem duvida, as mais bellas da criação. Perdeu-se na noite dos seculos a época em que começaram a crescer estes cedros. Milheiros de gerações se tem sentado á sua sombra sem terem ao menos memoria do tempo em que se plantaram; por conseguinte, ninguem acreditava na sua morte: tão velhos como o mundo, os cedros do Libano pareciam destinados a perecer com elle. Mas o tempo que faz justiça de todas a superstições populares, deu um cruel desmentido da reputação de immortalidade que a sua longevidade lhe tinha adquirido. Pouco a pouco os cumes da montanha se desguarneceram da sua magnifica corôa: em cada dia desabava um cedro, e no fim do seculo passado, quando alguns viajantes visitaram os antigos contemporaneos de Salomão, apenas encontraram vinte!

Pela conservação dos cedros que não succumbiram aos assaltos do tempo, têm os sirios assiduo cuidado, cercando-os como que de um respeito religioso e quasi veneração. Todos os annos, no dia da Transfiguração, junto d'um dos mais velhos d'aquelles arbustos, levantam um altar campestre e cantam uma missa solemne. Dir-se ia, por esta especie de culto rendido a estas arvores, ver alguns dos descendentes dos gaullezes, que celebram ainda as ceremonias da religião dos druidas. Desgraçado d'aquelle, dizem os montanhezes, cujas mãos sacrilegas ousassem arrancar alguns d'aquelles ramos sagrados, por-

que a mão de Deus pesaria sobre elles; e ajuntavam dizendo, que mais de um musulmano impio, vira perecer todo o seu rebanho como punição da sua culpada tentativa.

Mas se os cedros deixaram de assombrar os pincares do monte Libano, é certo tambem que cessou a crença de que só ali podiam nascer e vegetar. Pallas vio estas arvores nos montes Ourgals; Belon na Asia Menor, e em 1683 plantou-se no jardim de Chelsea, proximo de Londres, o primeiro cedro, e o resultado provou que prosperavam tambem no nosso clima, e effectivamente existem no jardim das Plantas em Paris, desde 1734. (1)

O desenvolvimento do cedro é moroso. Cada anno estende ramos novos e de ramo a ramo ha apenas um pé de distancia, por isso que no fim de oito annos o cedro tem apenas oito pés de altura, e é depois d'este periodo que elle tem um mais rapido desenvolvimento, crescendo até á altura de cem pés, altura em que ordinariamente estaciona. O desenvolvimento em diametro é mais regular, e é de sete linhas por anno, de sorte que é facil de apreciar pela circumferencia o numero de annos que tem de existencia. Mr. Pockoke, seguindo estas indicações, calculou que um dos cedros de maior circumferencia do monte Libano deve ter 3:000 annos.

Os differentes productos que tiravam do cedro taes como o oleo e a resina, que se empregava na economia domestica, e a estima que davam á madeira, que empregavam em luxuosos moveis, foram causa dos cedros terem antigamente um grande preco; actualmente, porém, por menos raro, a madeira do cedro perdeu muito do seu valor.

(1) Desde muitos annos que os temos nos nossos passeios em Lisboa, e por ventura em muitos jardins particulares

## NICOLÃO MACHIAVEL

## Estudo litterario, moral e politico

Questo è il gran segretario fiorentino, Niccolò Machiavelli, un uomo dei più grandi che l'Italia, tanto ferace di sublimi ingegni, abbia mai prodotti.

PIGNOTTI.

(Continuado de pag. 12)

## VI

O tratado da *Arte da Guerra* (1) faz muita honra a Machiavel.

N'aquella obra apresenta-se elle como possuindo uma instrucção não vulgar, e uma philosophia nobre e elevada, inspiradora do mais vivo interesse pela honra da sua patria.

Os conhecimentos que Machiavel revela n'aquelle escripto, sobre as cousas da guerra, espantam o leitor, ao considerar que se tracta de um homem que nunca exerceu senão funcções civis! Ha quem diga que a maior parte das suas theorias foram postas em pratica no seculo seguinte, e não sem fructo, com relação ao aperfeiçoamento da arte da guerra. Engenhosamente, e até por ventura com a mais fina malicia, se desculpa Machiavel de haver ousado escrever sobre a guerra, não sendo guerreiro de profissão; o que elle escreveu menos avisadamente, poderá ser corrigido por alguém. — ao passo que os erros commettidos na pratica, só a ruina dos imperios os podem fazer conhecidos: = E benchè sia cosa animosa trattare di quella materia della quale altri non ne abbia fatto professione, nondimeno io non credo che sia errore occupare con le parole un grado, il quale molti con maggiore pronuncione con l'opere hanno occupato, perchè li errori che io facessi scrivendo possono essere senza danno di alcuno correti, ma quelli i quali da loro sono fatti operando, non possono essere se non la rovina degl'Imperi conosciuti. =

Refere um auctor que ouvira dizer a um dos mais habéis generaes do exercito francez, «que Napoleão fazia muito apreço, da tactica indicada na *Arte da Guerra*.»

Dêmos idéa do plano traçado por Machiavel para a composição d'esta obra.

Imagina elle que, passando Fabricio Colonna por Florença, se encontrára nos Jardins de Rucellai com Cosino Rucellai, Zanobi Buondelmonti, Battista dalla Palla, e Luigi Alamani, e alli travára conversação com elles sobre a arte da guerra. A essas praticas assiste Machiavel, na qualidade de mero ouvinte; e d'ellas é o historiador no seu tratado admiravel.

Os quatro interlocutores não discutem, limitam-se a fazer perguntas a Fabricio Colonna, a pedir-lhe explicações, e a ouvir as respostas d'aquelle guerreiro, que havia adquirido uma grande reputação militar na Italia.

Machiavel não tinha exercitado a arte da guer-

ra; mas havia estado em diferentes acampamentos, e assistido a diferentes expedições militares. A natural disposição do seu espirito para examinar tudo com attenção, e a rara perspicacia, poderosamente auxiliadas pela leitura assidua e reflectida de Tito Livio, Polibio e Vegecio, haviam-lhe subministrado conhecimentos, que julgou dignos de serem offerecidos á consideração dos seus compatriotas; e, para dar uma certa authoridade ás suas idéas, lembrou-se de as pôr na boca de Fabricio Colonna.

O seu fim era fazer reviver na Italia o antigo fulgor guerreiro, accender nos corações o fogo da honra militar, e fazer desaparecer o funesto systema dos *Condottiere*, e das tropas mercenarias, substituindo lhes um exercito nacional, verdadeiramente patriótico, o qual se regulasse pelos principios da tactica que enunciava. Esses *Condottieri*, como excellentemente observa um grande escriptor, não tinham dedicação pelas pessoas a quem defendiam, nem desafeição áquellas contra quem combatiam, e por vezes se inclinavam mais para o inimigo, — e em todo caso, o seu principal interesse consistia em que a lucta se prolongasse, porque assim se prolongavam os meios de fazer fortuna.

— Para que os leitores tenham á vista uma amostra do espirito d'este bello tratado, transcreverei aqui uma breve passagem, na qual Fabricio Colonna quer demonstrar que as qualidades e inclinações guerreiras não são apreciaveis, nem uteis ás nações, se não forem acompanhadas de virtudes civicas:

= «... Pompeio, & Cesare, & quasi tutti quelli capitani che furono à Roma dopò la ultima guerra Carthaginese, acquistarono fama come valente huomini, non come buoni, & quelli che erano vivuti avanti à loro, acquistarono gloria come valenti & buoni; il che nacque, perche questi non presero l'essercitio della guerra per loro arte, & quelli ch'io nominai prima come loro arte l'usarono. Et in mentre che la Republica visse immacolata, mai alcuno cittadino grande non presonse, mediante tale essercitio, valersi nella pace, rompendo le leggi, spogliando le provincie, usurpando & tiranneggiando la patria, & in ogni modo prevalendosi; ne alcuno d'infima fortuna pensò di violare il sacramento, adherirsi à gli huomini privati, non temere il Senato, ò seguire alcuno tirannico insulto, per potere vivere con l'arte della guerra d'ogni tempo. Ma quelli ch'erano capitani contenti del triumpho, con desiderio tornavano alla vita privata, & quelli che erano membri, con maggior voglia deponavano l'armi che non le pigliavano, & ciascuno tornava all'arte sua, mediante la quale se havevano ordinata la vita, ne vi tu mai alcuno che sperasse con le prede e con quest'arte potersi nutrire. Di questo se ne può fare, quanto à cittadine, grande & evidente coniettura mediante Regolo Attilio, il quale sendo capitano de gli esserciti Romani in Africa, & havendo quasi che vinti i Carthaginesi, domandò al Senato licenza di ritornarsi à casa à governare i suoi poderi, & che gli erano guasti dá i suoi lavoratori, etc.» =

— Lendo ha pouco o bellissimo escripto de Macaulay, que já citei, tive o grande prazer de encontrar no illustre critico a confirmação do meu humilde juizo sobre a *Arte da Guerra* de Machiavel:

(1) *Dell'arte della Guerra*.  
Esta obra é dividida em 7 livros, e offerecida a Lorenzo di Philippo Strozzi (*gentiluomo fiorentino*).  
É sobremaneira honrosa para Machiavel e para Strozzi, a dedicatória d'este livro. Machiavel confessa nobremente os beneficios que recebera do seu amigo, e aproveita a occasião de recommendar a posteridade o merito e as brilhantes qualidades do seu illustre benefactor:  
= Le quali à voi mando, si per dimostrarmi grato, ancora che la mia possibilità non vi aggiunga, de benefici che ho ricevuto da voi, si ancora perchè essendo consuetudine onorare de simili opere coloro, i quali per nobilita, ricchezze, ingegno, e liberalità risplendono, conosco voi de ricchezze e di nobilita non avere molti pari, d'ingegno pochi, e di liberalità niuno. =

— Não me aventurarei, diz Macaulay, a emitir parecer sobre a tactica de Machiavel; mas sei que o seu livro é rico de merecimento e de interesse. Tem grande preço esta obra, como sendo um commentario da historia do seu tempo. A finura, a graça, o fulgor do estylo, a eloquencia e a animação de certas passagens, não pôdem deixar de agradar, ainda aos leitores que não se interessam pelo assumpto da obra.» =

— Antes de passar a outro objecto, devo dar aos leitores algumas noticias dos *Jardins de Rucellai*, de *Cosimo Rucellai*, e dos passatempos ou palestras academicas, de que se trata na *Arte da Guerra*.

A familia *Rucellai* competia em magnificencia e generosidade com a dos Medicis; enriqueceu-se, como esta, pelo commercio, e tambem, como esta, foi desvelada protectora das lettras.

Os *Jardins de Rucellai* (*orti oricellari*) tornaram-se celebres, pelos doutos Florentinos que ali se reuniam, constituindo uma associação academica, inteiramente consagrada á cultura das lettras e da Philosophia, como que recordando aquillo de Horacio:

*Atque inter silvas Academi quærere verum.*

No tempo em que Machiavel frequentava os *Jardins de Rucellai*, era esta a familia representada por *Cosimo Rucellai*, um dos interlocutores que o Secretario Florentino apresenta na *Arte da Guerra*.

Quando Machiavel escreveu esta sua obra, já tinha morrido *Cosimo Rucellai*; e d'aqui resulta que tem um valor infinito o elogio que na *Arte da Guerra* lêmos.

= Persuadido, diz ali Machiavel, de que é licito louvar um homem que já não existe, pois que a morte afasta de nós todos os motivos, e até a suspeita de adulação; não me acobardarei eu de pagar aqui um justo tributo de elogios ao meu amigo *Cosimo Rucellai*, do qual não posso recordar-me sem derramar lagrimas. Possuía elle todas as qualidades que um amigo pôde desejar no seu amigo, e todas quantas a patria pôde exigir dos seus filhos. Nenhum bem, creio eu, por mais precioso que fosse, sem exceptuar a propria vida, recusaria elle sacrificar pelos seus amigos; e nenhuma empreza, por mais ousada e perigosa que fosse, hesitaria *Cosimo* em tentar, se n'essa empreza houvesse alguma vantagem para a patria. De todos os homens que pude conhecer e conversar, nenhum encontrei, que tamanho entusiasmo sentisse ao ouvir contar factos illustres e grandes feitos. O unico pesar que aos seus amigos exprimio, no leito da morte, foi o de morrer nos seus lares, moço e sem gloria, e sem assignalar a sua existencia com algum serviço importante á patria! etc. =

Não cabe nos estreitos limites deste ensaio, e muito o lamento, exarar a integra deste formoso elogio; mas basta este breve excerpto, para authorisar a dizer que um tão sentido panegirico é tão honroso para *Cosimo Rucellai*, como para Machiavel.

Relativamente aos *Jardins de Rucellai* e palestras academicas nellas celebradas, encontro em Pignotti a seguinte noticia:

= A Academia Platonica foi um dos ornamentos da familia dos Medicis. Nos seus palacios a honraram e acolheram; mas depois da morte de

Laurenço, e dos tristes successos da sua familia, foi protegida por *Bernardo Rucellai*, o qual lhe deu esplendido agasalho nos seus jardins. Ali, porém, em vez dos sonhos platonicos, se occupou a sociedade, pelo tempo adiante, de fazer resurgir a lingua italiana, havia tanto tempo desprezada; e o Secretario Florentino introduzio depois a discussão de assumptos mais uteis, quaes são os assumptos politicos. Em uma tal reunião tiveram origem os seus profundos *Discursos sobre Tito Livio*, e outras muitas obras, com que enriqueceu a lingua; em uma tal reunião communicou elle profundas reflexões aos Florentinos, seus consocios, entre os quaes figuravam Zanobi Buondelmonti, os dois Luizes Alamanni, o Diacetto, professor de humanidades em Florença, e outros. Muitos mancebos, porém, de imaginação fogosa, e inflammados por aquelle fanatismo republicano que os classicos gregos e latinos inspiram, tramaram uma conjuração contra o Cardeal (que já relatámos em lugar opportuno). — a qual custou a vida ao Diacetto e a um dos Alamanni, salvando-se o outro (o poeta) e o Buondelmonti pela fuga: e assim acabou e se dispersou desgraçadamente aquella associação. =

É muito curiosa a inscripção que existia n'aquelles jardins:

*Abesto dolus malus, et Jurisconsultus.*

— Ainda duas palavras ácerca da *Arte da Guerra*. Se os leitores se deliberarem a ler a historia da Toscana por Lorenzo Pignotti, hão de encontrar ali estas expressões:

= Nella sua arte della guerra, oltre tante vedute grandi, ha avuto il merito d'indovinare. Asserisce che forse l'arme bianca tornerà in uso, é bilancera l'arme da fuoco: la fine del seculo XVIII ha veduto con stupore le baionette de contrastar coi cannoni, e spesso il vantaggio esser delle prime. = Como se dissesse: Na *Arte da Guerra*, afóra tantos admiraveis pensamentos, teve Machiavel o merecimento de adivinhar. Assevera elle que talvez a arma branca voltará a ser empregada, e pleiteará competencia com as armas de fogo: os fins do seculo XVIII viram com espanto medir-se a baioneta com as peças de artilheria, e por vezes ficar a vantagem do lado d'aquella. =

Em verdade, tanto nas batalhas dos ultimos annos do seculo XVIII, como nas do presente seculo, grande papel representam as cargas de baioneta; mas nos recentes feitos militares tem-se colhido grandes resultados de aperfeiçoamento extraordinario da espingarda e da peça de artilheria.

Em obsequio da verdade, e no interesse da gloria de Machiavel — no que respeita á sua penetração e bom juizo, deve ponderar-se que o Secretario Florentino escrevia na primeira metade do seculo XVI. Todos os testemunhos são unanimes em declarar que a artilheria, n'aquella época, sendo muito mal construida, e demais a mais manejada por inhabeis artilheiros, não prestava grandes serviços no campo da batalha, embora fosse de utilidade e prestimo no cerco das praças de guerra. Se a esta circumstancia reunirmos a ruim construcção das espingardas, a incerteza e desperdicio dos tiros de fusilaria, e tivermos em conta a precisão e vehemencia de um ataque á baioneta, — veremos que a opi-

nião de Machiavel não era destituida de fundamento. — ainda a despeito da pouca importancia que dava á invenção da pólvora.

Machiavel admira profundamente a sciencia militar dos antigos romanos; combatia denodado contra as maximas dos guerreiros do seu tempo; queria que fosse bem organizada a infantaria; dava preferencia aos campos fortificados sobre as praças de guerra; e maiormente se empenhava em substituir ás operações compassadas e indolentes dos seus compatriotas a rapidez dos movimentos e os encontros decisivos das forças armadas.

— Cantu, que não é muito apaixonado de Machiavel, recusa sim ao auctor da *Arte da Guerra* a gloria de estrategico; mas tece-lhe elogios como philosopho politico, na parte em que o Secretario Florentino aspirava a organizar exercitos nacionaes, e queria oppôr ao triste espectáculo dos mercenarios a força moral dos italianos, de modo que estes podessem demonstrar que não se extinguiu o seu antigo valor.

Para reforçarmos o pensamento que ha pouco nos subministrou Lord Macaulay, citaremos as energicas expressões do mesmo Cantu, e são as seguintes: Na *Arte da Guerra* manifesta Machiavel uma viva repugnancia contra os soldados aventureiros, antes bandidos, assalariados hoje para combatterem aquelle, a quem hão de servir amanhã; ferozes quando já não havia perigo, sómente corajosos pela esperanza do saque, e fazendo consistir a bravura no alarde de nomes pomposos: *Estrabada, Talha-montes, Ferrabraz, Sem-misericordia*. (2)

— No artigo immediato começaremos a fallar de outras obras de Machiavel, de maior tomo que as antecedentes.

JOSÉ SILVESTRE RIBEIRO.

### O CARNAVAL EM ROMA

Uma das épocas mais importantes em Roma é a do carnaval: antigamente a eleição dos novos consules não produzia tanto movimento. Por toda a parte ha bailes e festas em que tomam parte, confundidas, pessoas de todas as jerarchias e de todas as idades; mas estas bacchanaes só duram uma semana. O sino do Capitolio e o tiro de peça do castello de S. Anjo dão o signal, e toda a população responde ao appello. A policia não permite que mascara alguma appareça antes do signal. Quando se abre a porta a um dique o mar não se precipita n'elle com mais impetuosidade que a multidão romana sobre a rua do *Corso*. Esta grande e magnifica rua, que vae da porta do Povo á praça da Columna, fica repentinamente repleta de trens, de brilhantes equipagens e de curiosos, que gosam aquelle espectáculo passeiando por entre todo aquelle immenso tumulto. Os passeios de lage, convertidos em amphitheatros, offerecem aos espectadores mais pacificos um refugio contra a turba; mas nem por isso ficam menos expostos ás invectivas dos mascarados, e á chuva de *confetti* que arremesam de todos os lados. Circulam constantemente os carros, uns com mulheres e crianças, outros com individuos figurando scenas comico-grutescas. Aquí é o emblema do governo de uma casa, representado por um gato e um cão; ali um usurario emprestando dinheiro, mais além

uma carreta que simula conduzir avarentos *arruinados* ao hospital. O que é sobremodo admiravel é a perfeição e naturalidade com que são feitas as mascaradas.

Os romanos, nas suas mascaradas, não se limitam só a vagas allusões; vê-se entre as suas loucuras satyras pessoas aos antigos Attelanes e da *Mandragora* de Machiavel. Os que se disfarçam de bôbos ou palhaços vestem uma camisa deixando a fralda por fóra das calças, e põem na cabeça um bonet branco: as suas contorsões extaticas e os gritos forçados fal-os conhecer ao longe.

Em Roma, n'este tempo, a loucura toca a meta do delirio: os proprios poderosos pelo dinheiro e distincção ostentam no carnaval o mais deslumbrante luxo e magnificencia, apresentando-se nos seus mais vistosos caleches, tirados por cavallos ricamente ajaezados, representando as mais bellas scenas da mythologia e da historia. Os romanos são insignes para a caricatura viva; por isso, aqui, uns imitam a Cesar subindo ao Capitolio; ali o heroe da Mancha acompanhado do seu fiel Sancho e de Silene, rodeado de um côro de êbrios; mais além o *feiticeiro* disputando com a *mulher de virtude* sobre qual d'elles poderá melhor lèr no futuro e annunciar aos papalvos o seu destino; mais longe ainda uma velha condessa escutando as sensaborias sedicças do marquez de Tulipano.

O que ha de mais encantador n'estas solemnidades do prazer é a deliciosa musica que se mistura com o buliçoso ruido dos mascarados. E depois que risos e que alegria ao aspecto d'aquella multidão de disfarces grutescos! anões com cabeça de gigante; homens com immensas cabelleiras, das quaes cada anel é um reservatorio d'agoa com que molham todos os que se lhes approximam. No meio de toda a algazara e confusão de disparates que formosas mulheres se vêem com lindos e pittorescos costumes! Como o vestuario da camponeza de Frascati fica bem ás romanas tão bellas e naturalmente tão graciosas!

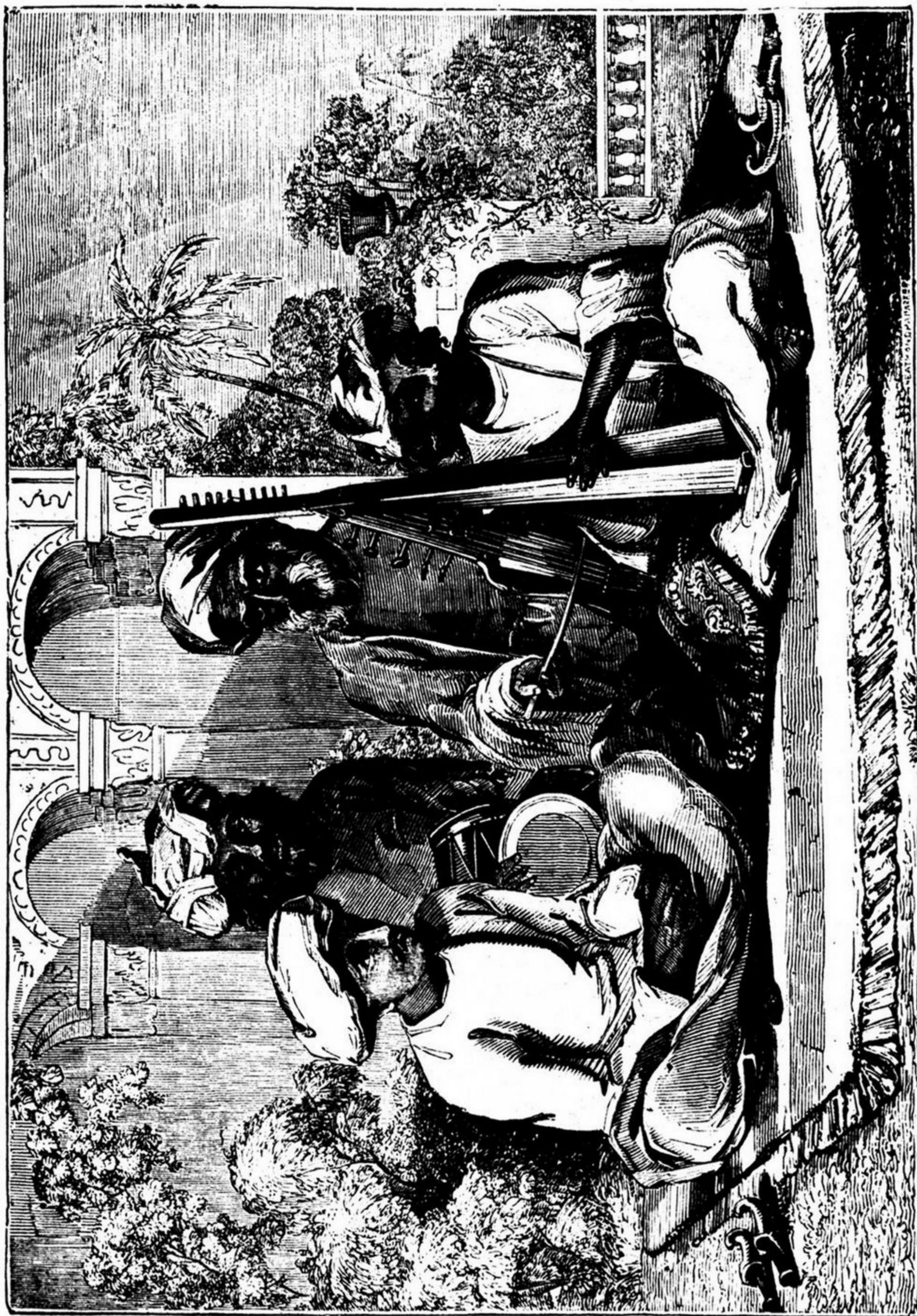
Em Roma, na época do Carnaval, a temperatura ordinariamente amena, presta-se ainda mais á folia, assim como o logar onde celebram a festa. A rua do Corso não tem menos de uma milha de extensão e é guarnecida dos dois lados por magnificos palacios.

Chegada a noite, dado o signal convencionado, todos se retiram e continuam a entregar-se ao prazer nos palacios, nas casas, e até no grabato da miseria, e nas salas dos espectaculos resoam as acclamações ruidosas dos espectadores.

Outr'ora os papas tinham um uso singular: o dia de entrudo era ordinariamente fixado para a execução de um criminoso, espectáculo que o povo presenciava indifferente no meio da sua loucura, sem n'elle intervir a justiça. Seria o requinte da barbarie, ou unicamente uma lição dada á população, prompta a entregar-se a todos os excessos? Fosse o que fosse, era um horrivel contraste entre um homem *dependurado*, e a solemnidade do folguedo d'aquelle povo.

Depois da execução, o papa, a pé e a passo lento, atravessava, em toda a sua extensão, a rua do Corso, abençoando todos que encontrava pelo caminho, e a quem os mascarados, a grandes gritos, pediam a benção apostolica!

(2) *Hist. Univ.* tomo XIX.



Musicos indios ambulantes

A musica é para os indios um dos seus maiores prazeres. Acompanha todas as suas festas e procissões solennes ou burlescas, faz parte das ceremonias religiosas, e é a principal distracção das suas sociedades. Por toda a parte, na India, ou seja na choupana do pobre, ou no palacio

do rico, o viajante é continuamente aturdido pelo ruído dos tambóres, das trombetas e de um numero infinito de instrumentos, que differem tanto pela fórma como pelos sons que produzem. Os attractivos que a musica tem para os indios, não está na rasão da qualidade dos sons, mas sim da quantidade. É um espectáculo curioso o que apresentam os indios habitualmente tão fleumaticos; parecem como que encantados e transportados em extasi ao ouvir os sons duros e selvagens dos seus instrumentos, a ponto tal que parecem electrizados; p̄nunciando-se-lhe subitamente nos olhos, ordinariamente ternos e languidos, a animação e o brilho do fogo do enthusiasmo; e envolvem-se com os musicos ambulantes, seguem-nos e manifestam por gestos freneticos as agradaveis sensações que experimentam.

É grande a variedade dos instrumentos indios: contam-se uns cem. São todos feitos debaixo das regras da arte, e muitos d'entre elles são de structura bastante complicada. Ha alguns que produzem sons tão suaves que podiam ser em pregados com vantagem nas nossas orquestras.

Parece que, outr'ora, a musica na India chegára ao mais elevado gráo de perfeição. Existem muitas e antiquissimas obras escriptas em idioma sanscrito, em que a parte scientifica d'esta arte é tratada com rara intelligencia e profunda erudição; actualmente, porém, está em completa decadencia, facto que os proprios indigenas não contestam. Depois d'isto era inutil dizer que os indios têm na arte da musica, como nós, escóla antiga e moderna. Entre elles as classes populares cultivam a musica, mas é nas classes elevadas que se encontram distinctos e habéis musicos. É notavel que a escala de musica india é semelhante á nossa, e o viajante inglez, Mr. Crawford, afirma que o *vina* (o principal instrumento de cordas dos indios) é afinado exactamente como o piano europeu, que elle transportará para a India. Conclue-se por esta circumstancia que a musica na India deve ter tido a mesma origem que a dos gregos antigos e dos arabes do tempo dos califas. Todavia as suas melodias pódem ser regularmente divididas em compassos, qualidade que não tinha a dos antigos arabes, que deixavam ao arbitrio dos executantes a maior ou menor duração de cada nota. Nota-se que na musica india as figuras da musica dos antigos gregos se assimelham ao nosso cantochão. Os indios não conhecem a harmonia; todas as suas composições tendem ao unisono, e o unico accorde que está em uso entre elles é o de terceira maior.

A nossa gravura representa uma banda composta de quatro musicos ambulantes que a troco d'uma insignificante esportula tocam durante todo um dia. O da direita é o principal cantor e bate o compasso com os dedos da mão direita na palma da mão esquerda, o da esquerda canta tambem acompanhando com uma especie de guitarra, cuja invenção é mui recente, e os do centro, um toca a *sorinda*, instrumento mui semelhante ao violoncello e o outro faz soar dois tambóres, batendo n'um com os dedos da mão esquerda e roçando os dedos da mão direita no outro, pouco mais ou menos, como os hespanhocs fazem com os pandeiros.

A arte de fazer bem aos homens exige mais prudencia que affeição.

## DOS HOMENS QUE COMEM TERRA

### II

A scena passa-se nas margens do Orenoco. A floresta immensa, enredada, impenetravel, dilata-se ao longe, com as suas arvores hirtas, robustas, testemunhas quedas dos seculos. O grande rio, crescido pelas aguas pluviaes, e pelo derretimento das neves, corre intumescido, resalta do leito, espraia as turvas aguas, abrange extensos tractos para um e outro lado, alaga toda a planicie.

O espectáculo é grandioso e digno da palheta dos maiores poetas descriptivos.

As aguas remançosas, ora se espreguiçam indolentes pelos plainos, ora batem com fragor nas penedias e galgam furibundas as cachoeiras e cataractas.

Só as arvores resistem ao embate, e a floresta virgem deixa que a onda lhe redemoinhe nos troncos, e fórma em linha de batalha, até á orla do horisonte, os seus valentes soldados, que se conservam erectos e firmes no posto.

Dura a cheia seis mezes. A terra é um vasto paul, por onde ninguem póde transitar, aonde ninguem póde viver.

A caça, a pesca, a cultura, tudo é impossivel.

E, comtudo, n'aquella vasta lagóa, n'aquelle pantano immenso, vivem homens.

Mal a cheia começa, sóbem os selvagens, divididos por familias, para as arvores, que lhes oferecem guarida e seguro abrigo.

Escolhe cada familia quatro ou cinco palmeiras de especie denominada pelos botanicos *mauritia flexuosa*. Estas palmeiras esguias são juntas por meio de vencilhos fortes e resistentes, por sobre os quaes se constróe uma especie de sobrado, feito de caniços entrelaçados, entremeiados de folhas seccas cobertas de barro e vasa. A argila endurece, aquecida pelos raios aprumados do sol dos tropicos, e fórma um pavimento duro, capaz de resistir á intemperie.

A morada porém ainda não está completa. Falta-lhe o tecto, que é feito de um modo rudimentar, e resguarda os pobres selvagens dos raios directos do sol.

Durante a estação seca andam os selvagens n'uma roda vida para ajuntarem victualhas, com que se alimentem na estação das chuvas.

Peixes e molluscos fluviaes, são os unicos seres vivos, que o acaso lhes depara, e ainda assim temivel competidor lhes é o crocodilo ou caiman, que muitas vezes não contente com disputar a preza, ataca e devora os miseros indigenas d'aquellas paragens doentias.

Conduzidas as parcas victualhas para as moradas aereas, dispõem-se os guaraunos (assim se denomina a tribu de indios do Orenoco) a passar seis mezes assim, porque, ainda quando as cheias não durem tanto tempo, é necessario que passem muitos dias de intenso calor, para que o solo endureça e tome consistencia.

Deparou-lhes a Providencia, nas mesmas arvores, que os abrigam, mantença farta e sadia.

Tanto que a spathe attingiu o maximo desenvolvimento e chegou ao periodo da dehiscencia, contém o tronco uma medulla mui saborosa e consistente, composta prinripalmente de fecula. Esta medulla, contida e apertada por numerosos

filamentos, tira-se aos pedaços dos lesins abertos no tronco. Corta-se depois, assa-se, e conservada assim, é a base principal e condimento unico das simples e singelas iguarias, que compõem a arte culinaria dos guaruanos.

Mas não fica só n'isto, posto que já muito seja, a generosa abstança da *mauritia flexuosa*. Em vez de lhe fender e rasgar o tronco, para extrair o sagú, cortam os selvagens a spatha transversalmente, e a ferida chora um succo durante dois mezes. Este succo dá o conhecido e apreciado vinho de palmeira, que todos os habitantes da zona torrida bebem com delicias.

Restam ainda os fructos da palmeira, que tem sabor diverso e diversas qualidades conforme a época da colheita e o gráo de maturação. Assim é que primeiramente farinaceos em alto gráo, vão-se assucarando a pouco e pouco, e em todos os estados dão excellente alimento.

Ajuntando aos productos d'esta arvore a banana selvagem, alguns reptis, como o iguane, e o lagarto, e alguns peixes e molluscos, temos os alimentos, de que se sustentam os guaraunos, tanto nas moradas aereas, como em terra, a qual nunca chega a solidificar-se completamente.

Pouco industriosos são estes povos; a sua actividade intellectual é quasi nulla e rudimentar; os seus meios reduzem-se ao exactamente indispensavel para não morrerem de fome.

Esse o motivo porque as provisões, que levam para as moradas aereas, são em pequena quantidade e diminutas, e passados os primeiros mezes acabam inteiramente.

Além d'isso, com o calor intenso da atmosphera, e humidade da terra, corrompem-se os fructos e os animaes mortos. Por isso os guaruanos vêem-se reduzidos á tristissima necessidade de recorrer a outros alimentos, que não se corrompam facilmente.

Tal é o barro vermelho, retincto de oxido de ferro, que elles comem em grande quantidade.

Por muito tempo se negou este facto; por muito tempo engeitou a sciencia a possibilidade de os homens se alimentarem de terra, e teve por apocryphas ou menos pensadas, as narrativas dos primeiros viajantes e descobridores.

Hoje porém é impossivel a duvida.

Nas costas de Cumana, da Nova-Barcelona e de Caracas existe, desde seculos, uma tradicção ácerca dos homens que comem terra, e que vivem nas margens do Orenoco.

Esta tradicção antiga, proveniente talvez da narrativa de algum viajante, aliás respeitada, acceita e propalada pelos missionarios, que durante muito tempo foram os unicos historiadores, naturalistas e civilisadores do Novo-Mundo, foi mal recebida pela sciencia.

Mas o grande explorador, Alexandre de Humboldt, mostrou a verdade das narrativas monasticas.

Na sua viagem do Rio Negro ao Orenoco, passou o celebre viajante por Uruana, onde habitam os otomaks, que comem terra. Vio Humboldt os pobres selvagens buscar com todo o cuidado e esmero a argila propria, nas margens do Orenoco. Nem todas as argilas lhes convém, e differenciam-nas pelo gosto. Escolhido que seja o barro, amassam-no, formam bolas do tamanho da cabeça de uma crinça, seccam-nas a fogo brando até ao rubro.

Quando chega a época da fome partem as bolas, molham os fragmentos, e comem por dia uma libra de terra.

Isto é na verdade incomprehensivel, diz Humboldt, e ninguem concebe nem explica como uma creatura humana póde cada dia, e durante mezes a oito, supportar tão grandes quantidades de materias mineraes.

Os otomaks, porém, não comem terra só nas épocas de fome, porque em todo o anno se alimentam com ella, posto que em menos quantidade.

Quando as aguas do rio vão mais baixas apanham tartarugas e mariscos, com as settas hernadas matam alguns peixes, porque não conhecem os instrumentos de pesca, as redes, as tarafas, e o anzol; mas no meio d'esta abundancia relativa comem terra, e preferem um certo barro ferroso.

Póde-se afirmar até que o seu principal alimento é a terra, porque raro matam algum lagarto nas arvores, e durante as cheias é-lhes impossivel apanhar peixes e mariscos.

(Continua)

A. OSORIO DE VASCONCELLOS.

## OS ANNOS DA MINHA AVÓ

### I

#### Um escripto e um escriptor

«Que deleitosos devaneios nos não vem embalar o espirito muitas vezes, entre as aridas concepções da vida especulativa, na virilidade, ao evocarmos da tumba do passado as doces recordações da nossa leda meninice!

«Como avultam ao longe, coloridas pelos mil cambiantes do sol poente da saudade, — que nos doura os horisontes da vida, reflectindo os seus raios brilhantes sobre as aureas phantasias do alvorecer da existencia, — os vultos indecisos e semiconfusos dos monumentos da nossa infancia! Alli é o cremiterio solitario, que a meia encosta da montanha se alevanta magestoso na sua humildade, como a desdenhar das ambições mundanas e a verberar com um sorriso de escarneo a fadiga incessante dos loucos que profiam em ascender ao pino da eminencia, quando a paz, a tranquillidade e a alegria existem aninhados no seu modesto recinto: além é o arroio manso e cristallino, confiando gemebundas queixas aos seixinhos do seu leito e aos salgueiros das suas margens: acolá são as avesinhas que recitavam não sei que mysteriosa poesia, nas floridas madrugada da nossa primavera, como convidando-nos ao trabalho e ao prazer; mais ao perto, emfim, vemos o lar domestico, aquelle tranquillo sanctuario da familia, onde os vultos venerandos de nossos paes se cercavam da aureola semi-divina com que os contempla o amor filial; onde sorria a serena bonança da aurea mediocridade, onde as festividades de cada anniversario eram revestidas de uma augusta solemnidade, que nos deixa no espirito indeleveis recordações.

«Mais tarde, no implacavel volver dos annos, vem o sopro indomito do destino lançar-nos, folha arrancada da arvore, longe do berço natal, e da familia querida, e entre as vicissitudes do exilio, ou entre os esperançosos sonhos do regresso vem sempre afagar-nos o animo, alquebrado muitas vezes no equileo dos soffrimentos, a doce reminiscencia d'aquellas scenas de outr'ora.

«E é este balsamo salutar que frequentemente nos acalma as dores com que os attrictos sociaes nos alanceiam constantemente o espirito, ou nos serena a febre da alma que o furacão revolto das paixões nos desencadeia mil vezes dentro do peito.

«A saudade é um culto, uma religião doce e benefica, que exerce no nosso espirito toda a santa influencia das coisas divinas. O passado é um templo, onde se acolhe penitente o coração torturado pelo delirio das affeições, e a saudade é o cilício que n'aquelle mosteiro cingem os penitentes.

«Infeliz do homem que não tem recordações como infeliz d'aquelle que não tem crenças; para este é defeza a doce esperanza da vida porvir, como para aquelle é vedada a deleitosa saudade da passada vida. E o recordar e o esperar são os dois polos sobre que gyra toda a existencia do homem, são o parenthesis solemne que fecha em si esta oração incidente que se chama vida.»

.....  
 Não vá o leitor attribuir-me os periodos que acabam de ler-se que eu solememente e com a mão na consciencia lhes denego a paternidade, não por os condemnar como menos orthodoxos com as doutrinas da physiologia do sentimento, mas por me convir que conste *urbi et orbi* que elles pertencem á penna de Ernesto de Valladares, evitando assim uma acção de plagiato, que o joven escriptor poderia intentar contra mim.

Fique pois a gloria, se alguma por tal escripto cabe, a quem de direito pertence; que eu vou, depois de apresentado o escripto, apresentar o escriptor, como é de estylo na boa sociedade.

Ernesto conta hoje os seus trinta annos, e é filho de uma distincta familia a que successivas desventuras, atravez de tres gerações, precipitaram dos fastigios da escala social, n'esse dedalo obscuro, ignorado, laborioso e paciente que se denomina classe media. Nem elle vae esmerillar heranças genealogias, em tombos e nobiliarchias, nem o seculo lh'o consentiria sem o fustigar com a gargalhada satânica do escarneo, porque o desditoso moço só teria para dar realce aos seus afumados pergaminhos, uns trezentos mil réis annuaes que o orçamento lhe dispensa a troco da parcella com que concorre para o monotonu trabalho do nosso complicadissimo serviço burocratico.

Se porém os titulos aristocraticos dos seus maiores ficaram sumidos nas ruinas do terremoto, e uns restos se perderam com a derradeira das propriedades que seu avô teve de vender, por força das vicissitudes sociaes; um seculo depois do grande cataclysmo, que abalou Lisboa até aos fundamentos, conservava o nosso mancebo vicissas e florentes duas nobrezas, uma que se lhe aninhava no cerebro e outra no coração. Era a aristocracia do talento e a aristocracia dos sentimentos.

Eram estas as joias com que adornava os bellos annos da virilidade, e que realçavam os seus dotes physicos, ao mesmo tempo que umas rugas temporãs e algumas cãs precoces davam á sua physionomia varonil e suavemente accentuada um indizível prestigio de sympathia.

Estas minuciosidades na descripção do typo do nosso heroe sejam contadas aqui muito á puridade, que nem lhe soffrera a modestia o vel-as

delatadas, nem devera a amisade atraçoar o que o nosso moço guardava no sanctuario da sua vida intima, como seu unico e inalienavel thesouro.

Um sentimento sobretudo lhe dominava o espirito entre o embate constante das suas mais reconditas cogitações. Era o culto do passado. Não que o nosso Ernesto fosse do numero d'aquelles a quem o sol do progresso fatiga os olhos sempre volvidos para os tempos que o abysmo tragou, soñhadores infelizes de um sonho irrealisavel. poetas das tradições muitas vezes gloriosas, mas muitas outras tenebrosas e medonhas! A religião do passado não tinha no nosso heroe tão largas proporções e limitava-se apenas á doce e saudosa contemplação da sua mocidade, como refugio, como abrigo, como asylo santo contra as acommettidas dos inimigos do seu espirito, que sob a fórma de paixões ou de decepções, o golpeavam de continuo.

A sua profissão de fé a tal respeito já nós a surpreendemos nas paginas roubadas da sua carteira na manhã de 24 de abril de 1862, humidas ainda pelo recente da escripta, desalinhas e condemnaveis na calligraphia pela vertiginosa celeridade com que a penna correra sobre o papel impellida por um alvoroço que mal se lhe podia conter no espirito.

(Continua)

C. B.

#### UM EXCERPTO DE LINGUISTICA, QUE É AO MESMO TEMPO UMA BOA LIÇÃO DE MORAL

##### **Firmeza. Constancia.**

*Firmeza* exprime a qualidade do homem, que segue com coragem os seus designios, e resoluções, quando fundadas em uma rasão justa.

*Constancia* exprime a qualidade do homem, que tem permanencia nos seus gostos, e nos sentimentos do seu coração.

O homem *firme* despreza, ou vence os obstaculos, e difficuldades que se lhe oppõem: resiste ao temor e á esperanza: não se deixa dobrar, nem abalar por forças estranhas, nem da violencia, e seducção das proprias paixões. A sua coragem o anima, e sustenta, e o conduz ao fim que uma vez julgou razoavel

O homem *constante* não é demovido dos seus gostos por objectos novos: segue sempre, e até ás vezes de seu máo grado, as mesmas inclinações do seu coração: não muda de affectos.

A *firmeza* suppõe uma rasão vigorosa, e um caracter energico. A *constancia* não exclue um espirito limitado, e uma alma pusillanime.

O homem *firme* nunca póde desaprovar o seu proceder. O homem *constante* póde ter motivos de condemnar a sua propria constancia e de reprehender-se d'ella.

A *firmeza* oppõe se a falta de vigor, a fraqueza de caracter. A *constancia* oppõe se a volubidade dos affectos, a facilidade de mudar de gosto.

A *firmeza* é um dos principaes elementos, de que se compõe o caracter do homem verdadeiramente honrado. O outro é a superioridade, ou elevação da alma, isto é, o imperio das idéas sobre as proprias necessidades, e interesses.

(Ensaio sobre alguns synonymos da Lingua Portugueza. Por D. Fr. Francisco de S. Luiz.)